

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

JOSÉ LUIZ NASCIMENTO DE OLIVEIRA

PROPOSTAS DE ENSINO DO HANDEBOL PARA O ENSINO MÉDIO

CRICIÚMA

2012

JOSÉ LUIZ NASCIMENTO DE OLIVEIRA

PROPOSTAS DE ENSINO DO HANDEBOL PARA O ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. Anelise Arns

CRICIÚMA

2012

JOSÉ LUIZ NASCIMENTO DE OLIVEIRA

PROPOSTAS DE ENSINO DO HANDEBOL PARA O ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Física Escolar.

Criciúma, 05 de dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Anelise Arns -- UNESC - Orientador

Prof. Carlos Augusto Euzébio – Mestre -UNESC – Orientador

Prof. Martinho Mrotskoski Neto - SATC

Dedico este trabalho de conclusão de curso a duas pessoas em especiais que acabaram nos deixando, ao meu Vô Garibaldi e a Vó Sueli, pra sempre na memória.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente queria agradecer a Deus por ter me guiado, iluminado e me dado forças, para que eu pudesse lutar pela concretização dos meus sonhos, além de ter me dado a Honra e a felicidade de conviver com pessoas especiais e essenciais para mim.

Agradeço a todos da minha família, mas principalmente a minha mãe Maria Luiza Nascimento de Oliveira e meu pai Sérgio de Oliveira, que me seguraram quando estive prestes a desistir de tudo, que mesmo nas dificuldades conseguiram ajudar a realizar meu sonho, ainda a Vó Dorilda e o Vô Licindo, que sem dúvidas nenhuma são minha fonte de inspiração e meus maiores orgulhos. AMO VOCÊS.

Dedico um agradecimento especial a meu irmão Sérgio de Oliveira Júnior, com quem tantas vezes briguei e discuti, mas que sempre me ajudou naquilo que pode, em todos os momentos da minha vida, e vem trilhando no meu mesmo caminho, e vai dar tudo certo Mano. Mano, você sempre foi mais que companheiro, nas oras difíceis foi tão verdadeiro, me deu a certeza que no fim vou vencer.

A minha irmã Elizabete, que Deus colocou em nossas vidas e nos ensinou a amar tanto, TE AMO MUITO! Uma das razões do meu viver!

A todos meus colegas, em especial aos meus irmãos de estrada, que me apoiaram em todos os momentos e me ajudaram a concretizar este sonho. Em especial Biga, Paulo, Kleber, João, Paulo Vitor, Lucas, Marco e o Dudu Lodetti e aos tios Murilo e Tata que sempre me deram suporte nas horas que precisei.

Ao professor, pai, amigo, técnico, companheiro e amigo Martinho, que me ensinou a ser HOMEM de verdade, que eu devia realizar escolhas e que seria responsável pelas suas consequências e que jamais deveria desistir dos meus sonhos e que sempre teria que ser forte, talvez ele não saiba, mas você foi o responsável por muitas mudanças e meu espelho na escolha deste curso.

A minha orientadora, Prof^a. Anelise Arns, que apesar de tantas dificuldades não desistiu de me auxiliar na realização deste sonho e como sempre me tratou como um filho, fosse fundamental, MUITO OBRIGADO CHU!

E por fim, a uma pessoa especial, que vem sendo fundamental para meu caminhar, me trazendo paz e muita felicidade, agradeço a Deus a todo tempo por ter te colocado ao meu lado, pelas vezes que me cobrou e me auxiliou, te gosto muito Marisa.

“Quando alguém encontra seu caminho precisa ter coragem suficiente para dar passos errados. As decepções, as derrotas, o desânimo são ferramentas que Deus utiliza para mostrar a estrada.”

Paulo Freire

RESUMO

O esporte nas aulas de Educação Física do Ensino Médio deve ter o seu espaço, porém por meio de proposições que atinjam todos os alunos e não somente os mais habilidosos, utilizando metodologias que estimulem a iniciativa dos estudantes com atividades adequadas promovendo a reflexão, aprendizagem e vivência de situações problemas. Portanto este trabalho tem como **tema**: Propostas de ensino do handebol para o Ensino Médio e como **problema**: Como trabalhar o handebol no Ensino Médio nas propostas críticas? Buscando resolver o **objetivo geral**: Apontar propostas na perspectiva crítica para o ensino do handebol no Ensino Médio. Para melhor fundamentação elencamos também **objetivos específicos**: conhecer a história, os fundamentos e os sistemas de jogo do handebol, analisar o contexto atual do esporte no Ensino Médio, identificar as metodologias mais utilizadas nas aulas de educação física e propor algumas alternativas para o handebol no Ensino Médio. Para isso fizemos um breve histórico do handebol passando pelos conteúdos como: fundamentos, regras, posições, sistemas de jogo e características da modalidade, também abordamos o conteúdo esporte no Ensino Médio e ainda as propostas metodológicas: Crítico Emancipatória e Crítico Superadora. O esporte deve ser trabalhado de uma forma crítica, contrapondo-se ao modo no qual é trabalhado muitas vezes nas escolas nos dias atuais, e que de acordo com as referências, devemos tratar o handebol como um conteúdo rico não só no campo esportivo, mas também em relações de forças políticas. As propostas apresentadas para seu ensino devem ser desenvolvidas aliando a teoria e a prática, onde o aluno possa compreender, analisar e intervir na sua realidade, em que o professor tem o papel de ser o mediador do conhecimento. Para tanto, no final desta pesquisa, sugerimos algumas propostas para serem analisadas e que possam subsidiar as aulas de Educação Física no Ensino Médio referente o conteúdo handebol. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi bibliográfica, que conforme Trujillo (1974 apud LAKATOS, 1992) é o levantamento das bibliografias já existentes. A finalidade desta pesquisa é colocar o pesquisador em contato com a escrita já publicada de determinado assunto com o objetivo que permite ao cientista um reforço na análise de suas pesquisas.

Palavras-chave: Handebol. Ensino Médio. Educação Física. Propostas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias de trabalho relacionada ao processo de ensino aprendizagem – Brasil – 2006	27
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2.1 HANDEBOL	13
2.1.1 Histórico	13
2.1.2 Fundamentos	15
2.1.3 Sistemas De Jogo	16
2.2 ENSINO MÉDIO	21
2.2.1. O conteúdo esporte no ensino médio.....	22
2.3 AS METODOLOGIAS DE ENSINO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	25
2.3.1. Tendência Crítico Emancipatória.....	25
2.3.2. Tendência Crítico Superadora.....	30
3 PROPOSTAS DE ENSINO DO HANDEBOL PARA O ENSINO MÉDIO	34
4 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso iremos abordar o tema Propostas de ensino do handebol para o Ensino Médio. Abordei tal tema pelo fato de já ter sido atleta de handebol, surgindo assim à preocupação de como é tratado o assunto nas aulas de Educação Física, pois muitas vezes nos deparamos com a falta de interesse dos alunos e professores neste ciclo, sendo assim esta pesquisa poderá auxiliar os professores durante o processo de ensino/aprendizagem desta modalidade e conseqüentemente enriquecer as aulas de Educação Física.

Acreditamos que o esporte deve ter seu espaço nas aulas de Educação Física por meio de atividades que competem a todos e não somente para os mais habilidosos, com atuação dos alunos promovendo a integração, a autonomia e aproximando-os da escola com conteúdo lúdico, educativo e relevante para o aprofundamento das áreas de conhecimento.

O esporte handebol pode ser entendido como um jogo com várias características interativas entre a técnica e tática, mas que não se resume somente a estes componentes, pela sua dinâmica possibilita a ampliação e compreensão do conteúdo social, comunicativo e cognitivo dos alunos.

O problema de estudo nos leva a seguinte questão: Como trabalhar o handebol no Ensino Médio nas propostas críticas?

Elencamos o seguinte Objetivo Geral: Apontar propostas na perspectiva crítica para o ensino do handebol no Ensino Médio. A partir dele, elegemos os seguintes objetivos específicos: conhecer a história, os fundamentos e os sistemas de jogo do handebol, analisar o contexto atual do esporte no Ensino Médio, identificar as metodologias mais utilizadas nas aulas de Educação Física e propor algumas alternativas para o handebol no Ensino Médio.

Para que o estudo seja consumado, optei pela pesquisa bibliográfica, que para Trujillo (1974 apud LAKATOS, 1992) a pesquisa bibliográfica é o levantamento das bibliografias já existentes. A finalidade desta pesquisa é colocar o pesquisador em contato com a escrita já publicada de determinado assunto com o objetivo que permite ao cientista um reforço na análise de suas pesquisas.

Apresentaremos a seguir como foi estruturada a fundamentação teórica. No primeiro sub-capítulo abordaremos o histórico do handebol, os fundamentos, a marcação individual e os sistemas de jogo. No segundo sub-capítulo descrevemos o

conteúdo esporte no Ensino Médio. Na sequência, no terceiro sub-capítulo, veremos as metodologias de ensino para as aulas de educação física, no quarto sub-capítulo relataremos as propostas de ensino do handebol para o Ensino Médio e por fim apresentaremos a conclusão sobre a pesquisa realizada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HANDEBOL

Apresentaremos a seguir três conceitos do handebol que consideramos importantes para o entendimento deste esporte.

O handebol é reconhecido como um conhecimento socialmente produzido que deve ser aprendido, assistido, refletido e modificado para possibilitar a compreensão da realidade, de modo que promova a ampliação do universo cultural dos alunos (Cf. Moreira; Candau, 2007).

O handebol pode ser entendido como um jogo com características múltiplas através do somatório da técnica com a tática e estratégia que estão interligados, inter-relacionados e interdependentes (Ribeiro e Volossovitch, 2004).

O jogo de handebol é um ambiente de instabilidade e de incerteza onde emergem constantes apelos às capacidades decisórias de seus praticantes, sendo possível observar que as condutas de decisão muitas vezes predominam sobre as condutas de execução (Ribeiro e Volossovitch, 2004).

Para tanto, abordaremos neste tema o histórico do Handebol, os fundamentos nele existentes, que são: passe, recepção, finta, drible, arremesso e a progressão, a marcação individual, alguns sistemas de jogo defensivos, tais como: os de zona (1x5, 3x3, 3x2x1, 4x2, 5x1 e 6x0), o sistema de defesa combinado e os sistemas de ataque (3x3 e 2x4).

2.1.1 Histórico

A bola é um objeto milenar, assim como o arremesso de objetos, deste modo os jogos que deram origem ao handebol hoje conhecido, são muito antigos. De acordo com Tenroler:

Na Grécia antiga, praticado com uma bola tamanho de uma maçã, realizado com as mãos, mas sem balizas e com nome de Urânia é escrito por Homero, provavelmente um jogo que hoje nós conhecemos como Handebol. (2004, p.19)

No século XIX (1848), o professor dinamarquês Holger Nielsen realizava um jogo chamado Haandbold, já na República Tcheca era praticado o Hazena e no Uruguai o Sallon, ambos praticados no mesmo período histórico.

Conforme Tenroler (2004), o professor e marinheiro Karl Schelenz, organizou e reformulou as regras desta modalidade, onde era praticado por onze jogadores e em um campo de futebol. Com a oficialização da modalidade Schelenz é tido como pai do handebol, porém não pode ser tratado como criador, já que possivelmente em suas viagens observou os esportes já existentes e juntou as regras de todos e organizou o handebol.

Conforme Ferreira (1974), o handebol de campo foi deixado de lado ao longo da história, por ser um esporte alemão, durante a Segunda Guerra Mundial os países do eixo boicotaram este esporte e deram ênfase ao handebol sueco, que era jogado em quadra, nos moldes do handebol atual.

De acordo com o mesmo autor, o handebol chegou ao Brasil, trazido por imigrantes que chegaram a São Paulo. Mesmo com um alto número de praticantes o handebol Brasileiro, nunca teve muitos resultados expressivos no cenário mundial, conforme o site da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) os melhores resultados do Brasil ocorreram no ano de 2011 e 2012, no Mundial Feminino de handebol realizado no Brasil, com nossas meninas conquistando o inédito 5º lugar e nas Olimpíadas de Londres 2012, onde a equipe feminina alcançou o 6º lugar.

De acordo com Zamberlan (1999), o handebol é o esporte coletivo mais fácil de ser aprendido, pois não consiste de grande dificuldade na realização dos seus movimentos básicos: correr, saltar e lançar. A principal característica deste esporte é a velocidade.

O autor ainda relata que o maior objetivo do handebol no ataque é conseguir converter o gol, através da técnica de arremesso, já na defesa o principal foco é diminuir o espaço e não deixar o adversário livre para o arremesso.

O desenvolvimento do jogo de handebol, conforme Júnior (2006) se dá de forma oficial, em uma quadra que mede quarenta metros de comprimento por vinte metros de largura, com duas balizas de três metros de comprimento por dois de

altura, ainda fazem parte do campo de jogo duas áreas do goleiro (seis metros) e a duas linhas de tiro livre (nove metros), linhas laterais e linhas de gol, marca de sete metros e a linha de delimitação do goleiro durante a execução dos sete metros.

Ainda conforme o mesmo autor, a duração das partidas varia de acordo com a idade dos jogadores, assim como tamanho da bola. É permitido dar até três passos em posse da bola, sem quicá-la, é permitido aos jogadores se deslocarem em qualquer direção na quadra de jogo. Cada equipe é composta por 14 jogadores, sendo sete titulares e os sete integrando o banco de reservas, o goleiro pode tocar a bola com qualquer parte do corpo dentro de sua área e quando sai dela torna-se um jogador de linha como os outros.

2.1.2 Fundamentos

A técnica “é o gesto ou movimento que deverá ser realizado pelo praticante, atleta ou aluno, cujo objetivo é o de permitir dar continuidade e desenvolvimento ao jogo”. (VOSER, 2002 apud TENROLER, 2004).

Conforme Melhen (2004), em todos os esportes existem fundamentos técnicos e no Handebol não é diferente, são eles: passe, recepção, finta, arremesso, progressão e o drible.

Para Tenroler (2004, p.65) “o passe é a ação de entregar a bola ao colega, companheiro de equipe [...] é o fundamento mais importante do Handebol [...] tem a função de unir a equipe”.

A recepção para Zamberlan (1999) é o gesto de receber, amortecer ou reter a bola de forma adequada, independentemente de posições e situações que o jogador foi solicitado. Para Hatting (1978 apud ZAMBERLAN, 1999, p.72) “[...] quanto mais perfeita for à técnica do jogador em dominar a bola, melhores serão suas táticas de jogo”.

O arremesso para Tenroler (2004) é o ato de impulsionar a bola em direção ao gol, com o objetivo de que a bola entre na baliza. Conforme Zamberlan (1999) o arremesso é a última técnica utilizada enquanto estiver no ataque, com a posse da bola.

O drible de acordo com Zamberlan (1999) é o ato de impulsionar a bola contra o chão uma ou mais vezes, este fundamento é mais utilizado em contra ataques e durante a progressão.

A finta para o mesmo autor é a ação de ludibriar o adversário, com ou sem o controle da bola, a fim de melhorar as condições de arremesso, passe, progressão ou sequência de jogo, já a progressão é a ação individual ou coletiva de progredir com a bola, e seu principal objetivo é o dar ritmo ao jogo.

2.1.3 Sistemas De Jogo

Sistemas de jogo conforme Zamberlan (1999, p. 167), “é a distribuição dos jogadores na quadra de jogo, em determinadas posições específicas, de maior rendimento do jogador”. Tenroller (2004, p.87) conceitua sistemas de jogo como: “a forma de dispor- posicionar- os jogadores em quadra, podendo ser ataque (sistema ofensivo) ou na defesa (sistema defensivo) tendo como referência as marcações da área de seis metros, ou ainda, a linha de nove metros”.

Conforme Simões (2002), para termos um sistema de jogo efetivo, é fundamental que se domine as técnicas de marcação e ataque, logo técnica e tática devem andar sempre juntas no handebol.

Conforme Zamberlan (1999, p.186) táticas defensivas são “a distribuição organizada dos jogadores de equipe, na zona de defesa, com o intuito de não permitir que o ataque adversário finalize com sucesso”.

De acordo com Simões (2002), um bom defensor precisa raciocinar de forma lógica e ainda ser capaz de perceber rapidamente os movimentos dos atacantes assim como conseguir realizar leituras de jogo.

Cada sistema de jogo defensivo é utilizado de forma a romper com as principais características de ataque do adversário, deste modo, dificultando o engajamento e a finalização de jogada, uma tática defensiva bem utilizada pode ser a diferença entre a vitória e a derrota, portanto, todas as táticas defensivas devem ser conhecidas e treinadas.

De acordo com Tenroller (2004), os sistemas ofensivos do handebol se dividem em três classificações: Posicional, circulação e combinado. No posicional

busca-se encontrar superioridade numérica a partir de um rápido engajamento, fazem parte desta classificação o sistema 3x3 e o 2x4. No de circulação os atacantes estão em constante troca de posições, há muita movimentação e rápidas trocas de passes, já no combinado ocorre uma mistura entre o posicional e o de circulação, onde alguns ficam em suas posições enquanto outros circulam. Descreveremos a seguir os sistemas 3x3 e 2x4, mostrando suas principais características.

De acordo com Júnior (2006), a característica principal do sistema 3x3 é a utilização de um pivô, situado geralmente próximo a área de gol, requer equilíbrio posicional entre todos atletas, possui duas linhas ofensivas na primeira encontram-se três armadores e na segunda dois extremos e um pivô.

Já no sistema 2x4, conforme o mesmo autor, a principal característica é a utilização de dois pivôs, que tem como principal objetivo criar espaços para os armadores, fica distribuído em quadra com dois armadores, dois pivôs e dois extremos. É o sistema ofensivo que mais apresenta resultados contra times em inferioridade numérica, deste modo para alguns é a formação ofensiva ideal para estes momentos.

A seguir abordaremos os sistemas de jogo defensivo do Handebol, que para Simões (2002), podem ser divididos em três categorias: a marcação individual, os sistemas de defesa por zona (1x5, 3x3, 3x2x1, 4x2, 5x1 e 6x0) e os sistemas de defesa combinada.

Para Ehret et al (2002) existe uma ordem para se trabalhar os sistemas e esta ordem deve ser respeitada, até os doze anos deve se trabalhar variações da marcação individual, entre os treze e o quatorze deve serem ensinadas as táticas de defesa individual, tais como: auxiliar, cobrir, tomar e trocar posições, dando introdução ao sistema de defesa 1x5 e no ataque o 3x3. Na idade entre quinze e dezesseis anos devemos ensinar os sistemas 3x2x1 e 4x2 na defesa e no ataque o 2x4 e ainda dar ênfase a cobertura, segurança e aos bloqueios, já aos dezessete e dezoito anos dar ênfase ao 5x1 e ao 6x0 a utilizar formas diferentes de formações tanto defensivas quanto ofensivas.

Antes de iniciarmos o estudo sobre os sistemas defensivos, explicaremos a marcação individual, que é fundamental para o desenvolvimento da técnica defensiva na iniciação.

De acordo com Zamberlan (1999, p.189) a marcação individual é: “O posicionamento da equipe na quadra, onde cada defensor tem um adversário específico definido para marcar e o acompanha de perto durante todo o tempo que a equipe estiver atuando neste tipo de defesa”.

Conforme Simões (2002), esse sistema é muito importante para a iniciação prática defensiva no handebol, pois:

Ele é importante, não apenas do ponto de vista da criação de uma opção tática de jogo defensivo, mas também do ponto de vista prático do planejamento e aperfeiçoamento das ações defensivas em que os iniciantes possam se desenvolver. (p.166)

Para Ehret et al (2002) até os doze anos deve ser trabalhadas várias combinações deste tipo de defesa, para ele a defesa deveria ser o ponto principal, já que é a maneira mais fácil de os alunos aprenderem as habilidades e capacidades básicas do jogo. O domínio desta defesa é uma condição fundamental para se jogar com uma defesa por zona. Existem três tipos de marcação individual, são elas: na quadra toda, na própria quadra ou próxima a sua área.

Após a aprendizagem da marcação individual podemos iniciar com os sistemas defensivos por zona, e para Tenroler (2004), consiste em que cada jogador fique responsável pela marcação em um determinado espaço. Para Simões (2002), é quase impossível dizer qual o melhor sistema de marcação zonal, já que eles dependem muito das características de seus executantes, ele destaca os sistemas zonais: 1x5, 3x3, 3x2x1, 4x2, 5x1 e 6x0.

Simões (2002), diz que todos os sistemas defensivos zonais têm em comum: a) Ser organizado de forma coletiva; b) Cada jogador é responsável por uma determinada zona dentro do sistema escolhido; c) Obedecem aos princípios de ajuda mútua, cobertura e concentração na área em que o adversário ataca com a bola. A seguir iremos abordar cada um dos sistemas zonais, mostrando sua aplicação, vantagens e desvantagens.

Inicialmente falaremos do sistema de marcação por zona 1x5 que como descreve Ehret et al (2002), deve ser ensinado logo após a aprendizagem da marcação individual, este tipo de defesa envolve cinco jogadores ao longo da linha de tiro livre e um situado próximo a área de defesa, sendo este responsável pela marcação do pivô.

Conforme o mesmo autor o sistema 1x5 dificulta o engajamento do adversário, diminui a possibilidade de arremesso da linha dos nove metros, fácil troca entre os defensores na marcação, times baixos podem realizar este tipo de sistema se os mesmos forem velozes tendo bastante êxito. Este sistema encontrará dificuldades contra bons pivôs, contra bons fintadores e se os defensores não possuírem domínio da técnica de marcação individual.

Com relação à marcação 3x3, Zamberlan (1999), apresenta suas principais vantagens: impedir e dificultar arremessos de média e longa distância, dificultar o engajamento e sua saída para o contra ataque é muito rápida. Já suas desvantagens são: grandes espaços na defesa entre os seis e os nove metros, facilitando assim situações de um contra um, facilita a movimentação de pontas e pivô, pouca largura, deste modo pontas com boa técnica obterão bons resultados.

O sistema 3x2x1, de acordo com Simões (2002), é utilizado contra equipes com bons arremessadores, facilita o contra ataque e as roubadas de bola, dificulta o engajamento, porém encontrará dificuldades contra equipes com bons pontas e pivôs, bons fintadores, este sistema tem uma grande profundidade, porém uma pequena largura.

O sistema de marcação 4x2 é utilizado de acordo com Zamberlan (1999), contra adversários que possuem dois bons arremessadores de média distância e ainda tenham jogadores de pouca técnica nas pontas e de pivô.

Para o mesmo autor, o sistema de marcação 5x1 dificulta a penetração dos armadores, arremessos dos nove metros, pois possui boa profundidade e ainda dificulta o engajamento, porém se torna frágil quando a equipe adversária joga com dois pivôs e o armador ser um bom fintador. É um sistema bem equilibrado com boa profundidade e largura.

No sistema de marcação 6x0, conforme Zamberlan (1999), os seis jogadores ficam divididos na quadra por áreas imaginárias, neste tipo de sistema a defesa fica localizada próxima da linha de seis metros. Este sistema tem grande êxito em evitar os arremessos das pontas e também do pivô, pois possui boa largura, porém irá encontrar dificuldades se a outra equipe possuir bons arremessadores de média distância, por que este sistema não possui muita profundidade.

Por último apresentaremos o sistema de defesa misto ou combinado, que para Zamberlan (1999, p. 210) “é a combinação do sistema de defesa por zona e

individual, e tem como objetivo neutralizar o melhor jogador adversário”, assim como para Tenroller (2004, p.92). Conforme Zamberlan (1999) tem como principais vantagens anular o melhor atleta da equipe adversária e dificultar a ação de jogo do time adversário, e conta como desvantagens permitir o bloqueio ofensivo e dificulta em se realizar as coberturas na defesa quando necessário, os tipos mais comuns deste sistema são o 5+1 e 4+2.

De acordo com Simões (2002) o sistema defensivo combinado 5+1, tem como base cinco jogadores marcando na linha dos seis metros (como no sistema zonal 6x0) e um defensor na marcação homem a homem (individual), já no 4x2, são quatro defensores marcando na linha dos seis metros e dois especialistas executando marcação individual. É necessário que os defensores especialistas na marcação individual, possuam amplo domínio da técnica defensiva de marcação.

2.2 ENSINO MÉDIO

O Ensino Médio conforme o Coletivo de Autores (1992) é entendido como o quarto ciclo de ensino, e é o ciclo do aprofundamento da sistematização do conhecimento. Nele o aluno passa a compreender, perceber e analisar sobre o objeto de estudo, para que deste modo ele possa intervir e modificar sua estruturação.

O novo ensino médio, nos termos da Lei, de sua regulamentação e encaminhamento, deixa, portanto de ser apenas preparatório para o ensino superior ou estritamente profissionalizante, para assumir a responsabilidade de completar a educação básica. Em qualquer de suas modalidades, isso significa preparar para a vida, qualificar para a cidadania e capacitar para o aprendizado permanente, seja no eventual prosseguimento dos estudos, seja no mundo do trabalho. (PCN, p.8)

A prática da Educação neste ciclo, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), são facultativas nos casos em que o aluno tiver uma jornada de trabalho superior a seis horas diárias, maiores de 30 anos, mulheres com prole, pertencentes a serviço militar e ainda para portadores de deficiência.

Conforme as orientações curriculares para o ensino médio (2006, p.225) a Educação Física no currículo escolar do ensino médio deve garantir aos alunos:

- acúmulo cultural no que tange à oportunização de vivência das práticas corporais;
- participação efetiva no mundo do trabalho no que se refere à compreensão do papel do corpo no mundo da produção, no que tange ao controle sobre o próprio esforço e do direito ao repouso e ao lazer;
- iniciativa pessoal nas articulações coletivas relativas às práticas corporais comunitárias;
- iniciativa pessoal para criar, planejar ou buscar orientação para suas próprias práticas corporais;
- intervenção política sobre as iniciativas públicas de esporte, lazer e organização da comunidade nas manifestações, vivência e na produção de cultura.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (ano, p. 139), a Educação Física, como disciplina, deve:

tratar da cultura corporal, em sentido amplo: sua finalidade é introduzir e integrar o aluno a essa esfera, formando o cidadão que vai produzir, reproduzir e também transformar essa cultura. Para tanto, o aluno deverá deter o instrumental necessário para usufruir de jogos, esportes, danças,

lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

Nos PCNs da Educação Física do ensino médio, é identificado uma proposta que visa a inclusão. Isso é um avanço para a Educação Física, que é vista, muitas vezes, como excludente pelos critérios eficiência técnica e tática, o mais habilidoso, o mais forte.

2.2.1. O conteúdo esporte no ensino médio

A Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (1998, p. 219) diz que:

A concepção histórico-cultural, base referencial da proposta Curricular do Estado, estuda o ser humano a partir da prática social e da evolução histórica da sociedade através dos tempos, vendo-o enquanto produto e processo de contradições e transformações. Nesta concepção, todo o sistema educacional tem o compromisso com um indivíduo crítico, participativo, consciente e politizado, deixando clara a opção de buscar a superação das condições reinantes em nossa sociedade.

E ela define esporte como: “um fenômeno social que exerce em homens e mulheres uma forte atração, independente de raça, sexo ou ideologia.” (1998, p. 226). Muitas vezes os professores se apropriando disso, acabam transformando as aulas de Educação Física em apenas práticas esportivas, sem nenhuma orientação, igualando o espaço escolar a clubes e instituições esportivas.

Conforme Ghiraldelli (1988, p.14),

O trabalho docente desta área deve buscar ao invés do condicionamento à ordem social, formar um aluno crítico e participativo; ao invés do adestramento físico, a compreensão e uso sadio do corpo; ao invés do esporte-espetáculo e ufanista, o esporte educativo; ao invés da disciplina imposta e da repetição mecânica de ordens do professor, o autodomínio, a formação do caráter, a autovalorização da atividade física; ao invés do corpo-instrumento, o corpo como ser social.

De acordo com Caparroz (2001), para que o ensino do esporte nas aulas de Educação Física seja completo é necessário que se estabeleça uma abordagem teórica dando ênfase a três planos, são eles:

- 1- representação prática, quer dizer, de sua efetiva realização em diferentes contextos, formas e participantes;
- 2- representação da imagem midiática, isto é, da formação de significados e parâmetros de agir no e pelo esporte a partir da imagem fornecida pela mídia.
- 3- representação simbólica, que ocorre com a construção de uma simbologia da realidade esportiva, a partir de conceitos teóricos especialmente desenvolvidos pelas ciências do esporte. (CAPARROZ, 2001, P.21)

Ainda conforme o mesmo autor, o professor de Educação Física deve utilizar o fator que na Educação Física a prática e a teoria andam juntas e levar o aluno a construir seu próprio pensar crítico, elaborar análises de todos os fatos da sociedade e de sua organização, principalmente a partir do esporte e sua estruturação que nos remete a forma que a sociedade esta posta, tudo isso para fazer que o aluno busque a justiça social e um ensino de qualidade.

Educação de qualidade deve formar pessoas capacitadas, mas, principalmente, cidadãos conscientes e solidários, sejam eles médicos, professores, operários, atletas, artistas [...] Enfim, todos aqueles que você, com o seu trabalho, ajude a formar. É assim que se conquista a medalha de que o país necessita: a justiça social. (SINPRO, 2000 apud CAPARROZ 2001, p. 142).

De acordo com a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (1998), o esporte institucionalizado se apoia na competição e concorrência, sendo que é orientado pelo princípio da sobrepujança e das comparações, a sobrepujança nos dá a entender que devemos vencer nosso adversário a qualquer custo, dando ênfase ao vencedor sempre, e a comparação coloca todos em igualdades de condições não levando em conta, sua classe social e seu mundo vivido. Este tipo de esporte é o mais encontrado nas escolas.

A Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (1998, p.227), confirma que:

O esporte tem um fim educativo. Portanto, é necessário sermos críticos ao trabalhar a produção de seus valores, tais como: enfatizar sempre que não jogamos contra, jogamos com; vitória e derrota são fatores interdependentes.

Temos que mudar a Educação Física para que ela se torne uma prática crítica e que consiga trabalhar todos seus conteúdos: esporte, dança, lutas, jogos,

brincadeiras, ginástica e que ao trabalharmos o esporte, possamos trabalhar seu histórico, quais as mudanças e como ocorreram, ainda ensinar e construir com nossos alunos os valores necessários para o dia-a-dia.

A educação física pode contribuir para a autodisciplina, fortalecer a saúde, desenvolver os valores estéticos, os valores cooperativos, o raciocínio e a presteza mental, sem esquecer que cabe o estudo da fisiologia, da anatomia, das técnicas, da história etc [...]. (GHIRALDELLI, 1988, p.13)

Então a Educação Física deve ser entendida como:

[...] uma disciplina curricular que introduz e integra o aluno na cultura corporal, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria de qualidade de vida. (BETTI, 1994 apud DARIDO, 2003, p.14).

O Ensino Médio conforme o Coletivo de Autores (1992), é entendido como o quarto ciclo de ensino, e é o ciclo do aprofundamento da sistematização do conhecimento. Nele o aluno passa a compreender, perceber e analisar sobre o objeto de estudo.

De acordo com Bracht (2001) um dos mal entendidos é a crítica que se faz ao esporte, pois esta crítica não é feita ao conteúdo esporte mais sim, a forma que ele vem sendo trabalhado.

Quando então, na Educação Física, sob a influência das teorias críticas da educação e da sociologia crítica do esporte se faz a crítica ao esporte, principalmente de alto rendimento, no sentido do seu papel educativo no âmbito escolar, acabam por se instalar uma série de mal-entendidos e equívocos, que, infelizmente ainda grossam em nosso meio [...]" (BRACHT 2001 apud BRACHT, 2000, p. XVI).

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), é fundamental neste ciclo que a comunidade escolar possa participar das escolhas para os temas que farão parte do processo de aprendizagem, cabe então ao professor vincular e trabalhar os temas cujo façam parte do projeto de formação do aluno.

2.3 AS METODOLOGIAS DE ENSINO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Conforme Darido (2003), cada vez mais a Educação Física torna evidente que o caminho que ela está seguindo está embasada nas abordagens críticas, estes tipos de abordagem conhecidas como críticas ou progressistas, questionam o papel da Educação Física na escola e a sua forma de intervenção na sociedade, essas tendências ainda propõem que a Educação Física deveria estar ligada às transformações sociais, econômicas e políticas.

A autora ainda define as más formações acadêmicas como principais vilãs, para que ainda hoje existam práticas profissionais, onde não se pode identificar qual tendência está sendo trabalhada.

De acordo com Bracht (1999), o paradigma que por muito tempo esteve presente na prática pedagógica da Educação Física, foi o da esportivização voltada ao rendimento, dando ênfase à busca por resultados, para que este paradigma fosse mudado foi necessário a entrada das ciências sociais e humanas nessa área.

De acordo com o mesmo autor, foi a partir desse momento que surgiram críticas a uma Educação Física escolar que buscasse apenas o rendimento, dando agora importância ao papel desta disciplina na função social e de construção de cidadãos críticos.

Iniciou-se então a elaboração de novas tendências para o ensino da Educação Física, estas tendências foram chamadas de críticas e progressistas, em seguida apresentaremos as duas mais conhecidas, são elas: Crítico Emancipatória e Crítico Superadora.

2.3.1. Tendência Crítico Emancipatória

De acordo com Darido (2003), esta abordagem surgiu apoiada nas discussões que aconteciam em todas as áreas educacionais, que tinham como principal foco romper com os modelos que eram praticados na Educação Física da década de 80.

Segundo Kunz (2006), foi nos anos 80 que começou a ganhar força à proposta crítica emancipatória, que tem o intuito de retirar do esporte as fragmentações da sociedade capitalista que nele se encontram, e ainda educar seus alunos para terem uma visão crítico deste modelo de sociedade.

Para ensinar os esportes aos alunos deve-se observar, pelo menos: as experiências anteriores dos alunos nas modalidades que se pretende ensinar, as influências e as expectativas do esporte normatizado e clubístico, as condições locais e materiais da escola para o ensino da modalidade e, ainda a própria organização do ensino e da escola. [...] Importante é desenvolver uma capacidade de agir pelo esporte e, para tanto, os próprios alunos precisam aprender a compreender melhor o sentido que o esporte tradicional tem e que poderá ter para o seu mundo. (KUNZ, 2006, p. 18 - 19)

Uma das principais obras deste modelo é do professor Eleonor Kunz, cujo título é Transformação Didática-Pedagógica do Esporte.

O ensino da abordagem crítico-emancipatória deve ser um ensino que emancipe seus alunos das falsas ilusões, criadas pelo modelo de sociedade atual. Kunz defende o ensino crítico, pois acredita que só deste modo possamos mudar a estrutura da sociedade.

Conforme Darido (2003), o papel do professor consiste em um primeiro momento confrontar o aluno com a realidade do ensino. A autora ainda relata que a forma de ensinar pela transcedência de limites pressupõe três fases:

Na primeira os alunos descobrem, pela própria experiência manipulativa, as formas e meios para uma participação bem-sucedida em atividades de movimentos e jogos. Devem também manifestar, pela linguagem ou representação cênica, o que experimentaram e o que aprenderam numa forma de exposição, e por último, os alunos devem aprender a perguntar e questionar sobre suas aprendizagens e descobertas, com a finalidade de entender o significado cultural da aprendizagem. (DARIDO 2003, p. 16)

Esta tendência vem com o propósito de emancipar o aluno de tudo o que o manipula, trabalhando sua emancipação através do conhecimento, onde eles deverão estudar os fenômenos em um todo, a fim de entendê-los e modificá-los.

Kunz destaca que o aluno é o sujeito do processo de ensino, e, portanto deve ser capacitado para que possa ter participação na vida social, cultural e esportiva, e que seja capaz de fazer uma leitura da sociedade, problematizar e realizar reflexões sobre ela.

Na teoria crítico emancipatória não devemos ensinar apenas o esporte em si na escola, mas também todo fenômeno, sua estrutura e sua organização, e deste modo permitir que o aluno possa entender melhor o conteúdo e assim trabalhar em cima dele, para criar um esporte de acordo com suas condições e necessidades.

Neste processo, devemos trabalhar as habilidades e técnicas dos alunos, mas ainda, devemos trabalhar outros dois aspectos, são eles:

Trata-se da interação social que acontece em todo processo coletivo de ensinar e aprender, mas que deve ser tematizada enquanto objetivo educacional que valoriza o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativa e participativa. E quando este processo se desenvolve sob a orientação de uma didática comunicativa, o outro aspecto importante a ser considerado é a própria linguagem. (KUNZ, 2006, p.37)

Para o autor desta forma, este ensino deve levar aos alunos um agir solidário, nos princípios de codeterminação e autodeterminação.

Kunz (2006), elaborou um esquema a partir de Mayer (1987) para melhor entendimento das categorias com o processo de ensino é ele:

	TRABALHO	INTERAÇÃO	LINGUAGEM
Aspectos dos conteúdos	Ter acesso a conhecimentos e informações de relevância e sentido para a aquisição de habilidades ao esporte de acordo com o contexto	Ter acesso a relações esportivo-culturais, vinculadas à cultura do movimento do contexto social	Ter acesso a conteúdos simbólicos e linguísticos que transcendem o contexto esportivo
Aspecto do Método	Possibilitar o acesso a estratégias de aprendizagem, técnicas, habilidades específicas e de capacidades físicas	Capacitação para assumir conscientemente papéis sociais e possibilidade de reconhecer a inerente necessidade de se movimentar	Aperfeiçoamento das relações de entendimento de forma racional e organizada
Aspectos dos objetivos	Capacitar para o mundo dos esportes, movimentos e jogos de forma efetiva e autônoma com vistas à vida futura relacionada ao lazer e ao tempo livre	Capacitar para um agir solidário, cooperativo e participativo.	Desenvolver capacidades criativas, explorativas, além de discernir e julgar de forma crítica.
COMPETÊNCIA	OBJETIVA	SOCIAL	COMUNICATIVA

Retirada do livro: Transformação Didático-Pedagógica do Esporte KUNZ, Eleonor, P. 38, 2006

Kunz (2006, p.40) diz que a constituição do processo de ensino pelas três categorias, trabalho, interação e linguagem, deve conduzir ao desenvolvimento da competência objetiva, social e comunicativa.

Para o autor, a competência objetiva é a que dá fundamentação ao aluno, o conhecimento e informações, além de treinar destrezas e técnicas e proporcional a aprendizagem de algumas estratégias. É nesta competência que o aluno se prepara de acordo com suas possibilidades individuais e coletivas para ser bem sucedido.

De acordo com Kunz (2006) a competência social nos faz pensar nos conhecimentos e esclarecimentos que o aluno deve adquirir para entender todas as relações existentes na sociedade, além de procurar mostrar o aluno como funciona a base e os mecanismos de toda sociedade, além dos papéis que cada um pode assumir nela. No esporte esta competência visa desvelar todas as diferenças encontradas na aula, seja elas de sexo, cor de pele ou econômica. Kunz descreve que preferencialmente as aulas deverão ser coeducativa, a fim de quebrar todos os preconceitos existentes na sociedade.

Enfim, a competência social deverá contribuir para um agir solidário e cooperativo, deverá levar os alunos à compreensão dos diferentes papéis sociais existentes no esporte e fazê-los sentirem-se preparados para assumir esses diferentes papéis e entender/compreender os outros nos mesmos papéis ou assumindo papéis diferentes. (KUNZ, 2006, p.41)

Conforme Kunz (1991) nestas aulas coeducativas, o aluno “forte” (aquele que tem o domínio da técnica de jogo) reclama da presença das meninas e dos alunos “fracos” no mesmo espaço de jogo que o seu, porém devemos sempre trabalhar com todos, diferentemente das práticas tradicionais, onde o que ocorre é o espelho da sociedade, e neste caso a lei do mais forte iria se sobre sair, e geralmente iriam ficar com o melhor espaço pra eles.

Kunz (2006) relata que a competência comunicativa é um elemento fundamental da Crítico Emancipatória e é importante que todos possam compreender. A linguagem dos movimentos não pode ser a única forma dos alunos fazer em uma aula de Educação Física, nesta competência é decisivo o desenvolvimento verbal dos alunos. É a linguagem que nos permite interpretar nossas experiências e também a dos outros.

O uso da linguagem no processo de ensino deve ser orientado para que o aluno aprenda a passar do nível de “fala comum”, para o nível de discurso. No discurso, devem ser partilhadas as chances de participação nas ações de fala, deste modo todos têm as mesmas chances de expressar suas idéias, suas intenções e seus sentimentos. [...] Enfim, a competência comunicativa deverá oportunizar ao aluno, através da linguagem, entender criticamente o fenômeno esportivo, como o próprio mundo. (KUNZ, 2010, p.42 e 43)

Conforme Kunz (1991) o mundo vivido das crianças é muito importante no processo de emancipação, pois quando eles mesmos organizam uma brincadeira, sem que exista a presença de um professor ou responsável, são elas que constroem as regras, que sempre são flexíveis e a todo tempo podem ser mudadas, tornando este um processo democrático.

Para Kunz (2010) o esporte quando for analisado de uma perspectiva crítico emancipatória deverá trazer ao aluno uma compreensão sobre o fenômeno sociocultural e histórico do esporte.

De acordo com Kunz (2010) as estratégias didáticas utilizadas pelo professor na concepção crítico emancipatória é denominada transcendências de limites, onde o aluno é confrontado com a realizada de do ensino e do conteúdo.

- a forma direta de “transcender limites”, no sentido da manipulação direta da realidade pelo simples explorar e experimentar possibilidades e propriedades dos objetos, bem como as próprias possibilidades comunicativas, descobrir e experimentar relações socioemocionais novas entre outras;
- a forma aprendida no âmbito das possibilidades de “transcender limites” pela imagem, pelo esquematismo, pela apresentação verbal de situações do movimento e do jogo e que aluno reflexivamente deverá acompanhar, executar e propor soluções;
- a forma criativa ou inventiva de uma “transcendências de limites”, em que a partir das duas formas anteriores da representação de um saber, o aluno se torna capaz de, “definida uma situação”, criar/inventar movimentos e jogos com sentido para aquela situação. (KUNZ, 2010, p.123)

A transcendência de limites tem como objetivo fazer com que os alunos a partir de suas experiências possam modificar as regras, os espaços, os arranjos materiais, para uma melhor participação da Educação Física, que os alunos aprendam a questionar e refletir sobre as práticas e o mundo e ainda usar a linguagem para mostrar o que experimentaram e aprenderam aos outros.

A transcendência de limites pela experimentação ocorre através de deixar-mos os alunos livres para que possam experimentar nossos arranjos materiais, a partir de seu conhecimento do conteúdo e de seu mundo vivido. Na

transcendência de limites pela aprendizagem, o professor trás a proposta de conteúdo a ser trabalhada para os alunos e na transcendência de limites pela criação, o aluno a partir do que foi feito na experimentação e na aprendizagem, criará uma nova forma de jogo/brincadeira que se encaixe dentro de suas necessidades, a fim de deixar o jogo/brincadeira mais fácil e prazeroso.

2.3.2. Tendência Crítico Superadora

De acordo com Coletivo de Autores (1992), a sociedade tem como características a luta das classes, para maior afirmação dos seus interesses, como isso, a luta da classe trabalhadora se torna importante para se concretizar uma sociedade mais homogênea.

Sendo assim, o Coletivo de Autores (1992), nos aponta alguns estudos feitos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros através de uma teoria que, no qual não tem ainda uma aceitação do seu objeto de estudo, uma dessas pesquisas foi feita pela secretaria de educação, cultura e esporte de Pernambuco no período de março de 1987 a março de 1991, essa pesquisa que tem como característica fundamentar esta teoria para a Educação Física.

“Trata-se de vincular a teoria geral do conhecimento com a psicologia cognitiva, de forma a fundamentar cientificamente a reflexão e a prática pedagógica desenvolvida no processo de escolarização” (COLETIVO DE AUTORES, 1992 p.27).

Portanto, é de extrema importância que o aluno compreenda a história corporal dos movimentos, mesmo aqueles movimentos mais simples como, pular, correr, jogar, etc., pois cada movimento tem sua importância histórica quando entendida, o quanto ela se fazia necessária para época que o movimento foi “descoberto”. Para a Pedagogia Crítico-Superadora esse fator é muito importante já que,

[...] o homem, simultaneamente ao movimento histórico da construção de sua corporeidade, foi criando outras atividades, outros instrumentos e através do trabalho foi transformando a natureza, construindo a cultura e se construindo (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 39).

De acordo com Darido (2003), esta é uma das principais tendências da Educação Física, que surgiu como contraponto também ao modelo tecnicista. A abordagem crítico-superadora utiliza o discurso da justiça social como seu apoio e é baseada no marxismo e neomarxismo. O trabalho mais marcante desta abordagem é o livro Metodologia de ensino da Educação Física, do Coletivo de Autores (1992).

Conforme os autores da obra (1992 apud DARIDO 2003, p.8):

[...] a pedagogia crítico-superadora tem características específicas. Ela é diagnóstica porque pretende ler os dados da realidade, interpretá-los e emitir um juízo de valor. Este juízo é dependente da perspectiva de quem julga. É judicativa porque julga os elementos da sociedade a partir de uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social. Esta pedagogia é também considerada teleológica, pois busca uma direção, dependendo da perspectiva de classe de quem reflete.

Segundo Darido (2003), esta reflexão pedagógica é entendida como projeto político-pedagógico. Esta abordagem ainda é pouco encontrada na atuação dos profissionais de Educação Física.

Para o Coletivo de Autores (1992, p. 42) é “necessário [...] a elaboração de normas que correspondam ao novo objeto do conhecimento da educação física escolar: a expressão corporal como linguagem e como saber ou conhecimento”.

Sendo assim, a educação física escolar é uma disciplina que trata do conhecimento, nessa teoria, dita como cultura corporal. Ela se torna presente em atividades corporais como, jogos, lutas, brincadeiras, dança e enfim tudo que remete ao seu conteúdo de ensino. Para assim este aprendizado seja resultando em uma linguagem. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Os conteúdos da educação física são constituídos historicamente, sendo assim, desenvolvido pelo sócio-histórico, das atividades corporais e explicando suas significações objetivas, assim temos: Jogos; Esporte; Capoeira; Ginástica; Dança.

Segundo o Coletivo de Autores (1992) os conteúdos devem ser compreendidos e não simplesmente transmitidos, não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, é preciso a sua significação humana e social, por isso apresenta alguns princípios curriculares no trato com o conhecimento que serão explanados a seguir.

Em destaque temos um princípio particularmente importante para o processo de seleção dos conteúdos: *a relevância social do conteúdo* que implica em

compreender o sentido e o significado do mesmo para a reflexão pedagógica escolar.

Esse princípio vincula-se a outro: o da *contemporaneidade do conteúdo*, significa que a seleção deve garantir aos alunos o conhecimento do que mais moderno existe no mundo contemporâneo, mantendo-o informado dos acontecimentos nacionais e internacionais.

Outro princípio curricular para a seleção dos conteúdos de ensino é o da *adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno*. Significa ter competência para adequar o conteúdo à capacidade cognitiva e à prática social do aluno, ao seu próprio conhecimento e as suas possibilidades como sujeito histórico.

Assim temos como forma do processo de ensino-aprendizagem desta teoria, o *confronto de saberes*, que significa confrontar o senso comum trazido pelo aluno, com o conhecimento científico que deve ser ensinado pelo professor, esse confronto do ponto de vista metodológico, fundamental para a reflexão pedagógica. Isso porque instiga o aluno, a ultrapassar o senso comum e construir formas mais elaboradas de pensamento.

Dando continuidade à relevância dos princípios curriculares, a *simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade*, diz que os conteúdos deveriam ser apresentados aos alunos de maneira simultânea, explicando a relação que mantém entre si para desenvolver a compreensão da realidade e não de forma isolada e por etapas, dificultando a visão de totalidade.

Hoje em dia, o conhecimento é tratado através do etapismo, que significa que para o aluno entender algum conteúdo primeiramente ele deve conhecer outro, exemplo, antes de conhecer o futebol o aluno tem que saber o basquete, como se isso foi algum grau de importância ou que o aluno só teria “poder de conhecimento”, conhecendo outra modalidade primeiro. O conhecimento deve ser passado como um todo e assim aprofundando cada assunto aos poucos, que para os autores isso significa o conhecimento sendo compreendido de forma espiralada.

Sendo este o outro princípio curricular para a organização dos conteúdos, o da *espiralidade da incorporação das referências do pensamento*, significa compreender as diferentes formas de organizar as referências do pensamento sobre o conhecimento para ampliá-las.

Essas considerações remetem a outro princípio, o da *provisoriedade do conhecimento*. A partir dele se organizam e sistematizam os conteúdos de ensino,

rompendo com a ideia de terminalidade. É fundamental apresentar o conteúdo ao aluno desenvolvendo a noção de historicidade, desde a sua gênese, para que o aluno se perceba enquanto sujeito histórico.

Também muito relevante para o Coletivo de Autores (1992), é o conceito que escola tenha ciclos de ensino, no total de quatro, o primeiro ciclo vai da pré-escola até a 3ª série; é o ciclo de organização da identidade dos dados da realidade que seria o ciclo de descobrir tudo o que esta em seu redor e tentar identifica-los e classifica-los.

O segundo ciclo que vai da 4ª à 6ª série, é o ciclo de iniciação a sistematização do conhecimento, aonde o aluno vai adquirindo a consciência da sua atividade mental e confronta os dados da realidade com as representações do seu pensamento sobre eles.

O terceiro ciclo vai da 7ª a 8ª série, que é o ciclo da ampliação da sistematização do conhecimento; o aluno amplia as referências conceituais ao seu pensamento; ele toma consciência da atividade teórica, é quando o aluno reorganiza a identificação dos dados da realidade através do pensamento teórico.

O quarto ciclo se dá na 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio, é o ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento, neste ciclo o aluno adquiria uma relação especial com o objeto, que lhe permitiria refletir sobre ele.

Portanto, o processo de ensino aprendizagem da Educação Física, não é apenas o simples exercício de algumas habilidades, mas sim de capacitar o aluno a refletir sobre suas possibilidades corporais e com autonomia de exercê-las de maneira social e culturalmente significativa. (PCN, 1998).

3 PROPOSTAS DE ENSINO DO HANDEBOL PARA O ENSINO MÉDIO

Mesmo ciente que existem várias atividades listadas em bibliografias para o ensino do handebol, resolvi juntamente com minha orientadora do Trabalho de Conclusão do Curso, que iríamos elaborar propostas a partir das minhas vivências acadêmicas e ainda da experiência de quando fui atleta desta modalidade, com mais ênfase no processo de ensino/aprendizagem que vivi durante ao longo de minha jornada na Universidade.

Algumas das atividades citadas a seguir estão listadas em outras bibliografias, assim como outras são tradicionais da área, servindo assim como norteadoras, para que pudéssemos modifica-las e encaixa-las nas propostas críticas, lembrando para que se possa trabalhar as atividades da forma que estão propostas é preciso que tenham sido respeitados os processos de ensino/aprendizagem, do segundo e terceiro ciclo. Essas atividades atendem ao quarto ciclo de ensino que abrange o Ensino Médio, que é o ciclo do aprofundamento da sistematização do conhecimento.

Portanto, listamos a seguir algumas propostas que acreditamos, possam promover competências para a socialização da prática educativa do esporte handebol no Ensino Médio.

Jogo propriamente dito: porém de acordo com o que os alunos sabem sobre regras, posições dos participantes, fundamentos e sistemas de jogo. Essa aula tem o objetivo de se perceber o conhecimento que a turma tem e analisar o mundo vivido dos alunos nesse esporte, assim como a possibilidade de trabalhar a coeducação durante as aulas.

A partir do que foi constatado, organizar um círculo de debates sobre o Handebol, nesse círculo pode-se estar discutindo temas como: a origem da modalidade, mídia x handebol, esporte escolar x esporte rendimento, regras fundamentos e sistemas de jogo ofensivo e defensivo. Essa aula pode ocorrer com uma ajuda da disciplina de informática, onde os alunos pesquisarão os temas sugeridos pelo professor e outros sugeridos pela turma e ainda construirão alternativas de apresentação para a turma.

Quando trabalhada na proposta Crítico Superadora, estará levando ao aluno conhecimento para que ele possa compreender o histórico da modalidade e também suas características, irá acontecer um confronto de saberes durante os debates entre o que eles conhecem do esporte com o conhecimento que o professor trará e ainda os princípios da espiralidade, onde o principal objetivo é fazer com que o aluno aprenda e compreenda o que está sendo ensinado.

Já na proposta Crítico Emancipatória será trabalhada as transcendências de limites por experimentação já que os alunos praticarão o jogo do modo em que eles conhecem, por aprendizagem quando o professor apresentar problematizações pertinentes a observação da aula de experimentação e pela criação, ocorrendo nos debates e também na solução das problematizações e mudanças na forma de jogar, ainda se trabalhará a coeducação, levando em conta o mundo vivido dos alunos, para o início do processo de ensino/aprendizagem e ainda serão trabalhadas as competências.

Jogo dos dez passos: Dividir o grupo em duas equipes, onde estas terão que trocar dez passes sem ser interceptados pela outra equipe. Iniciar apenas com o objetivos da troca de passos, a partir do momento em que a aula se tornar monótona, implementar e discutir novas regras para o jogo, como por exemplo, fazer o gol após os dez passos, assim trabalhando um pouco de organização de táticas de jogo e organização ofensiva e defensiva e ainda alguns fundamentos.

Atende a aspectos da Crítico Emancipatória, já que apresenta todas etapas das competências tanto comunicativa, pois haverá discussões para mudanças na atividade e suas regras, na objetiva já que o professor levará uma proposta que permitirá aos alunos a aprendizagem dos fundamentos do esporte e também da social, pois trabalharemos com a coeducação e o propósito de cooperação entre todos e também abrangendo todas as transcendências.

Já na Crítico Superadora atende aos princípios da adequação às possibilidades sócio-cognitivas do alunos, que é adequar o conteúdo as condições do aluno, da espiralidade da incorporação das referências do pensamento, auxiliando o aluno na construção do seu saber e ainda o confronto de saberes, que se dá ao senso comum do aluno com o científico proposto pelo professor.

Pique-Bandeira: Iniciar o pique bandeira normal, cada equipe na sua metade da quadra, onde o objetivo é capturar a bandeira, do outro grupo, nesse caso a bola que ficará dentro de um espaço delimitado e trazê-la para seu campo. Com o passar da atividade colocar novos objetivos, tais como: troca de passes, progressão e fintas . Nesse jogo podemos trabalhar os fundamentos, organizações de táticas de defesa e ataque.

Na concepção Crítico Emancipatória, trabalhamos as transcendências de limites, pois devemos levar em conta no processo ensino/aprendizagem o mundo vivido dos alunos na atividade, para que deste modo o professor possa intervir e levar um novo conhecimento aos participantes e ainda fazer com que eles possam realizar debates sobre as atividades, principalmente para modificá-las, ampliar a participação e a construção coletiva de novas regras.

Na Crítico Superadora, estaremos trabalhando o confronto de saberes entre o senso comum e o conhecimento científico, a espiralidade da incorporação das referências do pensamento e ainda da adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas, que é trazer para a realidade da comunidade escolar as possibilidades de jogo.

Assistir jogos: escolher alguns jogos de alto rendimento para passá-los a turma, afim de que possamos analisar e identificar os sistemas táticos e suas características principais, e após isso dividir a turma em times, e pedir que eles possam estar criando seus próprios sistemas de jogo. Nesta atividade trabalharemos os sistemas de jogo do handebol e suas características.

Estaremos assim contemplando um dos princípios da proposta Crítico Superadora, a contemporaneidade do conteúdo, significa que a seleção deve garantir aos alunos o conhecimento do que mais moderno existe no mundo contemporâneo, mantendo-o informado dos acontecimentos nacionais e internacionais.

Iremos conhecer de que forma está organizada a modalidade, e porque está estruturada dessa maneira. Como sugere também a proposta Crítico Superadora deve-se realizar o confronto de saberes e dar a oportunidade para que os alunos possam participar ativamente do debate, afim de que possam realizar uma análise reflexiva e apontar possíveis soluções para os problemas e dificuldades

encontradas, assim como desfazer dúvidas e ampliar os conhecimentos sobre a modalidade.

Na proposta Crítico Emancipatória esta atividade abrangerá dois tipos de transcendências de limites, a de aprendizagem no qual o professor trará o conhecimento científico, deste modo gerando ainda um confronto de saberes e também através da criação, pois após analisarem e identificarem, deverão ser desafiados a criar seus próprios sistemas de jogo.

Debate de regras e sobre a organização do esporte: com o objetivo de trazer novas experiências para os alunos, convidar um técnico ou árbitro de handebol, para que o mesmo possa falar sobre as regras do esporte e também de como é dada a organização do esporte, além de estar respondendo questionamentos pertinentes dos alunos. Com a realização deste debate, estaremos trabalhando a organização do esporte, assim como suas regras.

Conheceremos de que forma está organizada a modalidade, e os por quês dela estar estruturada dessa maneira, como pede a proposta Crítico – Superadora deve-se realizar o confronto de saberes e dar a oportunidade para que os alunos possam participar ativamente do debate, afim de que o aluno possa realizar uma análise reflexiva e apontar possíveis soluções para os problemas e dificuldades encontradas.

Logo, na Crítico Emancipatória irá ser trabalhada as três competências, a social já que o aluno deve compreender os papéis existentes no esporte e se sentir preparado par assumir tais papéis, a objetiva, na qual ele receberá o conhecimento sobre o esporte e ainda na comunicativa, por meio de problematizações e questionamentos será apreendido o conteúdo em questão.

Festival de Handebol: dividiremos a sala em quatro equipes, para assim organizar um festival de handebol da turma, durante o festival se dividirão da seguinte forma: duas equipes irão jogar, uma estará arbitrando e a outra estará fazendo uma análise do jogo. Após o festival reuniremos todos, para que possam discutir como foi o evento, o que poderia ter sido melhorado e ainda fazer uma análise dos jogos que aconteceram. Durante esta atividade trabalharemos todos os fundamentos do handebol, regras, sistemas de jogo e organização de eventos.

Utilizaremos o princípio da adequação às possibilidades sócio-cognitivas do aluno da Crítico Superadora, pois iremos organizar nosso festival de acordo com a prática social do aluno, seu conhecimento aprendido e a realidade dele e de sua comunidade escolar, assim como a espiralidade e ainda o da provisoriade do conhecimento, pois deverá ser trabalhado todo conteúdo e fazer com que o aluno se perceba enquanto sujeito do processo histórico e temporário .

E na proposta Crítico Emancipatória contemplaremos as transcendências de limites, a coeducação, o mundo vivido dos alunos e ainda com a competência objetiva que se dará no jogo em si, na social onde os alunos deverão trabalhar em equipe para que o festival possa dar certo e todas etapas alcançando o sucesso e ainda na competência comunicativa que se dará através de análises.

Ataque e defesa Posicionado: Dentro de um espaço delimitado pelo professor, organizar um ataque x defesa, onde começaremos, com três defensores, cinco atacantes, sendo que os dois pontas não poderão finalizar a jogada, eles apenas darão suporte para o engajamento e ainda um goleiro. A cada gol, ocorrerá mudança no posicionamento de todos, em sentido horário, os atletas irão para sua nova posição, de ataque ou defesa, deste modo todos irão experimentar todas as posições do jogo. Podendo ocorrer variações durante essa atividade, tais como: a utilização de um pivô (superioridade numérica), mais jogadores de defesa e ataque. Nesta atividade trabalharemos, a marcação, sistemas de jogo ofensivo e defensivo, os fundamentos e as regras jogo.

Na tendência Crítico Emancipatória atingiremos a transcendência de limites pela experimentação, aprendizagem, pois o professor trará a atividade para que os alunos possam aprender sobre o handebol e também pela criação onde os alunos poderão realizar questionamentos e mudanças nas regras e objetivo da atividade proposta. Ainda a co-educação, pois trabalharemos com todos e através do mundo vivido do aluno organizaremos e planejaremos essa aula.

Agora, na proposta Crítico Superadora utilizaremos os princípios da relevância social dos conteúdos para que através da compreensão do tema, o aluno possa fazer uma reflexão, a adequação às possibilidades sócio- cognoscitivas do aluno, trazendo para a realidade do aluno e da escola a realização da prática, da simultaneidade dos conteúdos, pois os conteúdos serão apresentados de forma simultâneas (a marcação, sistemas de jogo ofensivo e defensivo, os fundamentos e

as regras jogo) e ainda o confronto de saberes, confrontando o senso comum do aluno com o conhecimento científico proposto pelo professor.

Circuito de fundamentos: Dividiremos a quadra em quatro setores, onde trabalharemos quatro atividades diferentes nela, no primeiro setor trabalharemos a finta, onde antes de arremessar ao gol, o aluno terá que realizar uma finta; no segundo setor vários tipos de arremessos, os alunos ficarão livres para realizar os diversos tipos de arremessos existentes no handebol; no terceiro setor o drible, os participantes irão driblando até próximo à área e realizarão assim o arremesso e por fim no quarto, o passe, realizando um “mini” engajamento, envolvendo três posições e após isso arremessarão ao gol. Trabalharemos os fundamentos do handebol nessa atividade.

Na proposta Crítico Emancipatória esta atividade estará abrangendo todas as transcendências de limites pela experimentação, objetiva e da criação, a coeducação, a integração e cooperação entre todos, ainda o mundo vivido dos participantes e também as competências.

Já na proposta Crítico Superadora, através desta atividade trabalharemos a adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno, pois estaremos adequando os fundamentos executados para as possibilidades e o conhecimento que estes têm sobre a modalidade, ainda pode-se trabalhar o confronto de saberes, trabalhando de uma forma mais técnica os movimentos executados e a simultaneidade dos conteúdos, pois trabalharemos de uma forma “conjunta” os fundamentos do handebol.

4 CONCLUSÃO

De acordo com a pesquisa bibliográfica realizada podemos constatar que o handebol é um esporte muito importante para ser desenvolvido na escola, pois prioriza o coletivo, a cooperação, a necessidade de trabalhar em conjunto e a compreensão do conteúdo social, comunicativo e cognitivo dos alunos. .

É importante socializar o conteúdo handebol de acordo com as propostas críticas da Educação Física, para que os alunos possam aprender, refletir e modificar as aulas, compreendendo e analisando a realidade, promovendo a ampliação do universo cultural dos alunos.

Conforme os autores consultados, pudemos perceber uma forte crítica ao modo em que o esporte vem sendo trabalhado na escola nos dias de hoje, pois ele passou a ser uma prática seletora e excludora, cuja finalidade é reproduzir o que é repassado pela mídia e os modelos da performance do rendimento, assim sendo utilizado para a adequação ao sistema vigente, favorecendo os habilidosos e não dando oportunidade a todos.

Porém, concluímos que podemos trabalhar as técnicas do esporte na escola, desde que cercadas por um pensar crítico, onde o aluno possa se perceber como sujeito do processo histórico, entendendo e buscando a melhor forma de jogar o esporte e não apenas jogar pelos princípios do rendimento, que é totalmente seletor, excludente, pois a Educação Física escolar deve ser um espaço para a discussão das práticas corporais.

Perante esta realidade construímos propostas para o ensino do handebol no ensino médio, sendo tratado de uma forma crítica, fazendo com que o aluno possa compreender o processo de aprendizagem da modalidade, permitindo uma leitura da realidade, compreendendo-a e assim podendo intervir na forma de organização do esporte e da sociedade.

Podemos ainda perceber que o handebol possui um rico histórico para ser trabalhado na escola e vários fundamentos, sistemas, regras que precisam ser desenvolvidas de uma forma em que teoria e a prática possam caminhar juntas na construção de novos saberes.

A realidade da comunidade escolar e o mundo vivido do aluno necessitam de atenção no processo de ensino aprendizagem de forma crítica, pois eles se

tornam o fundamental ponto de partida deste processo e também dos debates e das discussões, através do confronto de saberes que deve acontecer entre o senso comum e o conhecimento científico.

Por fim gostaríamos que estas propostas possam auxiliar e até nortear o ensino do handebol nas escolas de ensino médio, sendo socializado de forma crítica, como pedem as propostas curriculares, e conseqüentemente, repensando, atualizando e recriando o andamento das aulas de Educação Física.

REFERÊNCIAS

ABELHA, Wânia Lúcia; Gonçalves, Luiza Lana; Nogueira, Ms. Quefrén Weld Cardozo. **Handebol educacional do trabalho pedagógico**. Cadernos de Formação RBCE, p.88-99, set. 2009

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas d Educação Física**. Cadernos CEDES. São Paulo: v:19, n.48, p. 69-88, ago/1999

BRASIL. Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – **Orientações curriculares para o ensino médio**; vol. 1 - Brasília - Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**: área linguagens e códigos, 1999.

CAPARRÓZ, Francisco Eduardo. **Educação física escolar**: política, investigação e intervenção, vol.1 Vitória – ES: proteoria, 2001.

CBHb, **Confederação Brasileira de Handebol** – www.cbhb.com.br
Acessado em 24 de novembro de 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física** – São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões.**, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2003.

EHRET, Arno. **MANUAL DO HANDEBOL**: Treinamento de base para crianças e

adolescentes. São Paulo: Phorte, 2002.

FERREIRA, Pedro. **Handebol de Salão**. São Paulo-SP, Ed. Cia Brasil, 1974.

GHIRALDELLI, Paulo. **Educação Física Progressista: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira**. São Paulo, Loyola, 2004.

JUNIOR, Dante de Rose. **Modalidades esportivas coletivas** – Rio de Janeiro _ RJ: Guanabara Koogan, 2006.

KUNZ, Eleonor. **Educação Física: ensino e mudança**. 1ª ed. Ijuí, RS: Unijuí, 1991.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7ª edição Ijuí, RS: Unijuí, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, 1992.

MELHEN, Alfredo. **Brincando e aprendendo handebol**. 2ª Ed., Rio de Janeiro, Ed. Sprint, 2004.

PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA: **Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação docente para Educação Infantil e Séries Iniciais**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SIMÕES, Antonio Carlos. **Handebol Defensivo: conceitos, técnicos e táticos**. São Paulo-SP, Phorte Editora, 2002

TENROLER, Carlos A. **Handebol: teoria e prática**. Rio de Janeiro – RJ, Ed. Sprint, 2004

ZAMBERLAN, Elói. **Handebol Escolar e Iniciação**. 1ª Ed., Cambé - Pr, Ed. Imagem, 1999.